

Geografia Cultural da Companhia Editora Nacional: fontes para a análise da Coleção Cultura, Sociedade e Educação (1966-1971)

RESUMO

Esse artigo tem como objetivo apresentar fontes que permitem analisar os processos constitutivos das coleções autorais, problematizando o lugar do editor como produtor de políticas de intervenção cultural. Para tanto, analisa-se a fórmula editorial da *Coleção Cultura, Sociedade e Educação*, dirigida pelo intelectual Anísio Teixeira, entre 1966 e 1971 (ano de sua morte). Por meio das fontes mobilizadas é possível interrogar o modo peculiar pelo qual são combinados nome do diretor da coleção, a seleção de autores, conteúdos e gêneros textuais; aparelho crítico; identidade visual da coleção; e a descrição do público destinatário.

Palavras-chave:

Companhia Editora Nacional, coleções autorais, Anísio Teixeira.

A perspectiva adotada para esse artigo é a que enfatiza os impressos voltados para diferentes públicos, como produtos culturais, frutos de lugares de poderes específicos, que disputam a hegemonização de representações sobre as competências específicas de leitura e os modelos de formação adequados às práticas cotidianas dos leitores, inscritas em territórios específicos desenhados pelo editor¹. Esse problema de investigação remete às formalidades práticas que instituem regras, datadas e situadas, dos modos de ler dos diferentes públicos para quais a leitura é destinada, passíveis de serem analisadas tomando-se a *materialidade dos impressos* voltados para esses diferentes públicos. Nessa perspectiva, torna-se central a problematização das editoras e suas práticas editoriais como lugar de poder², analisando suas estratégias³ articuladas às representações⁴ de leitores à seleção dos saberes, dos autores e dos textos que põem em circulação.

1 Esse artigo tem origem na minha tese de livre-docência. Cf. Maria Rita de A. Toledo. *Coleções autorais, tradução e circulação: ensaios sobre a geografia cultural da edição (1930-1980)*. (Tese de Livre-Docência). Guarulhos. Unifesp. 2013.

2 Essa expressão, tomada de Certeau será discutida no primeiro artigo dessa coletânea. Cf. Michel de Certeau. *L'invention du quotidien. Arts de faire*. Paris: Gallimard, 1990, p.59.

3 O conceito de estratégia também foi tomado de Certeau. Cf. *idem*, p.59.

4 O conceito de representação é tomado de Chartier. Cf. Roger Chartier. *À Beira da Falésia. A História entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. Da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

Esse problema de investigação eleva o editor – o “intermediário esquecido da literatura”⁵ – à figura principal das análises empreendidas ao longo das investigações propostas. Como “mestre” do mundo da edição, desenha projetos editoriais, se adianta ao mercado, criando uma gama de produtos atraentes em territórios ainda a se constituir, mas também perscruta o público cativo, canonizando autores e obras, retroalimentando territórios já constituídos, produzindo uma espécie de *geografia cultural*⁶. É na fábrica capitalista, comandada por esse mestre, que um “universo específico” da produção se constitui: o “livro é a um só tempo produto fabricado industrialmente em máquinas (...), e entregue empacotado como latinhas de Coca-Cola, e um objeto cultural irreduzível a essa dimensão única”⁷. Esse papel de industrial da cultura reorganiza as relações de produção entre autores, impressos e distribuição no mercado:

O mestre de obra reserva-se o direito de retificar o manuscrito, lapidá-lo, modifica-lo segundo as necessidades e restrições do mercado, sendo as novas e sucessivas edições confiadas a outros redatores, ainda que o nome do primeiro autor escolhido em geral devido a sua notoriedade, a seu forte capital simbólico, permaneça inalterado na capa.⁸

Para se compreender as práticas editoriais, e seu lugar no ciclo de produção de diferentes geografias culturais do impresso, é preciso dimensionar as relações de permanente tensão que mantêm com outras estratégias, emanadas de outros lugares próprios de poder – como o Estado, a Igreja, a Universidade, a Escola ou outras casas de edição. As disputas entre editoras e esses lugares de poder têm importância conjuntural no processo pelo qual seus catálogos são constituídos, sobretudo, se são comerciais. As políticas culturais e econômicas engendradas por esses outros lugares podem facilitar ou limitar a produção editorial, determinando estratégias de adesão ou resistência das editoras. Também é importante levar em consideração a questão do mercado *lector* como objeto das estratégias editoriais, mas também como sujeito referente, cujas apropriações que fazem da geografia cultural da edição podem surpreender ou alterar os seus rumos, redesenhando outras topografias inesperadas⁹.

As fontes editoriais, portanto, tornam-se centrais para narrar a história dessa geografia e de seus deslocamentos ao longo do tempo. Para apresentar essas fontes e o modo como são recortadas e problematizadas, recorro o caso que venho estudando nos últimos anos, o das práticas da Companhia Editora Nacional (CEN). Essa editora paulista foi uma das maiores do Brasil, entre as décadas de 1930 e 1980. Como lugar de poder, seja por sua situação econômica, seja pelo seu catálogo, foi capaz de produzir uma *geografia cultural* para o mercado de livros brasileiros, no período citado.

Contudo, a análise da totalidade dessa *geografia cultural* demandaria um amplo estudo das variadas práticas da Editora e dos territórios em que atuou e engendrou ao longo dos 60 anos nos quais foi uma das maiores empresas de livros do Brasil. Perante tal desafio foi necessário operar outros recortes que permitiram analisar a atuação da Editora em diferentes momentos. Em primeiro lugar, entre

5 A expressão é tomada de Darnton. Cf. Robert Darnton, R. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 150.

6 Sobre as mudanças da figura do editor na História do Livro, consultar Jean Yves Mollier. “A evolução do sistema editorial francês desde a Enciclopédia de Diderot”. *Livro (Revista do Núcleo dos Estudos do Livro e da Edição)*, 1(2011).

7 Cf. *idem*, p. 66.

8 Cf. *idem*, p. 67.

9 Nesse sentido, ao descrever a “ordem do discurso”, Chartier alerta: “Por um lado, cada leitor é confrontado por um conjunto de constrangimentos e regras. O autor, o livreiro-editor, o comentador, o censor, todos pensam em controlar mais de perto a produção do sentido, fazendo com que textos escritos, publicados, glosados ou autorizados por eles sejam compreendidos, sem qualquer variação possível, à luz de sua vontade prescritiva. Por outro lado, a leitura é, por definição, rebelde e vadia. Os artifícios de que lançam mão os leitores para obter livros proibidos, ler nas entrelinhas, e subverter as lições impostas são infinitos”. Cf. Roger Chartier, *À Beira da Falésia*. *op. cit.* p.7.

as estratégias editoriais adotadas por essa empresa privada, elegeu-se como objeto um gênero editorial que marcou o seu estilo de atuação no mercado brasileiro (e internacional): as coleções de livros.

Tal escolha decorre da compreensão de que esse gênero editorial pode ser definido pelo processo de padronização material a que submete os textos escolhidos para compor seu plano editorial, em termos de cobertura (capa, lombada, quarta-capa), de estrutura interna (estabelece-se um modelo sob o qual os textos publicados são submetidos) e das estratégias de divulgação. Essa padronização tem duplo intuito: de um lado, o de barateamento da produção dos livros nela incluídos¹⁰; do outro, o de constituir uma identidade com os leitores destinatários¹¹. A fórmula editorial estabelecida para cada coleção toma como referente a representação que o editor faz do leitor destinatário. Essa representação traduz-se nos critérios de escolha de autores e textos; do aparelho crítico¹² e das formas propriamente materiais com as quais cada um dos volumes é apresentado ao mercado, também por uma divulgação especializada: a coleção é sempre um conjunto de livros especialmente selecionados para um leitor especial. A coleção, desde seu nome, dá a ver a prescrição de seus leitores e de seus usos. Nesse sentido, inscreve-se materialmente como mercadoria flexível, que permite sua adequação às condições do mercado, seja para conquistar novos leitores, seja para ampliar o consumo do público contumaz.

Essa estratégia editorial estabelece, no quadro da expansão e especialização da indústria do livro, a necessidade de editores diretores de coleção, especializados nos mercados visados pelos programas de leitura das coleções¹³. Nesses termos, surgem nas casas editoriais hierarquias entre o editor-chefe e os editores mais ou menos especializados nos diferentes nichos do mercado. Essa dinâmica de produção, por suas potencialidades de adequação ao mercado, é afeita a associações de projetos prescritivos de formação de leitores, já que estabelece uma determinada ordem para as leituras, em termos de sequência, em termos de combinação de autores e conteúdo, mas também pela capacidade de didatização dos conteúdos nela impressos, por meio de paratextos, como prefácios, notas ou resumos; por outros dispositivos, como índices onomásticos, descritivos, ou temáticos, glossários, temários, entre outros. As combinações da parafernália tipográfica e textual – ou o aparelho crítico¹⁴ – admitem a produção de novos leitores para um conjunto de leituras antes inacessíveis; novas leituras para novos leitores; novas leituras para antigos leitores.... Ou seja, as coleções guardam, como estratégia editorial, a potencialidade, tanto da renovação de campos do conhecimento, quanto a reafirmação de suas tradições. Por essa perspectiva, torna-se central a análise da materialidade dos livros. Com ela, admite-se que “a significação do texto não pode ser dissociada da matéria que organiza a forma da sua recepção”¹⁵.

A análise dos processos constitutivos das coleções permite, de modo privilegiado, a problematização do lugar do editor como produtor de políticas de intervenção cultural. Permite também recortar situações nas quais intelectuais de marcada inserção institucional ocuparam os espaços de diretores de coleção para fazer circular seus projetos de intervenção política na cultura, na produção

10 A questão do barateamento está no contraste do trabalho empregado para a constituição da fórmula editorial da coleção e das fórmulas editoriais de livros avulsos. Sobre a descrição da adoção das coleções no negócio das editoras, conferir o depoimento de Jacó Guinsburg na coletânea Jerusa P. Ferreira, Jacó Guinsburg, M. Otília Bocchini e Plínio Martins Filho. *Livros, Editoras e Projetos*. São Paulo: Com Arte/Ateliê Editorial/Bartira Editora, 1997.

11 Cf. Isabel Oliveira. *L'invention de la collection*. Paris: IMEC/Maison des Sciences de L'Homme, 1999.

12 Cf. *idem*.

13 Para uma história do nascimento das coleções na França, Cf. *idem*. Também Jean-Yves Mollier, “A evolução do sistema editorial francês desde a Enciclopédia de Diderot”. Op. Cit. e Jean-Yves Mollier. *O dinheiro e as letras: História do capitalismo editorial*. São Paulo: Edusp, 2010. Para o Brasil, cf, Maria Rita de A. Toledo. *A coleção Atualidades Pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial*. (Tese de Doutorado). São Paulo. PUCSP, 2001.

14 O conceito foi tomado de Olivero, Op. Cit.

15 João Adolfo Hasen e Marta Maria Chagas de Carvalho “Modelos culturais e representações: uma leitura de Roger Chartier”. In: *Vária História*, 16 (1985) p.10. Ver também Roger Chartier. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2002, pp.60-61.

do conhecimento e, conseqüentemente, na formação do leitor visado. Esses intelectuais passam a ser editores-autores, cujos nomes dão sentido e autoridade aos planos editoriais das coleções, funcionando como lugar de emissão, de circulação e de demarcação da recepção do que é editado. Importante referente da topografia cultural de determinados territórios, o nome do editor de coleção demarca, em termos de mercado, o leitor visado. Assim, diretores de coleção diferem de outros editores que, na lida cotidiana da fábrica, se ocupam das tarefas da produção sem autoria¹⁶.

Para a problematização do lugar de poder dos editores-diretores de coleção e apresentar as possíveis fontes recortadas para essa análise trago o caso da *Coleção Cultura, Sociedade Educação*, dirigida pelo intelectual Anísio Teixeira, entre 1966 e 1971 (ano de sua morte). Com essas escolhas, interrogo o modo peculiar pelo qual são combinados: nome do diretor da coleção, a seleção de autores, conteúdos e gêneros textuais; aparelho crítico; identidade visual da coleção; e a descrição do público destinatário. A fórmula editorial remete às práticas de leitura, prescritas para leitores destinatários previstos e às representações do que deveriam ser as linhas demarcatórias desse território, das regras de seu funcionamento.

Para responder aos problemas de pesquisa descritos, faz-se uso de variada documentação. Em primeiro lugar, é necessário destacar o trabalho sobre os próprios livros das coleções e sua materialidade, descrevendo-se os dispositivos textuais e tipográficos mobilizados nos planos editoriais, assim como critérios de seleção de gêneros textuais, autores e títulos. Ainda, destaco a importância da documentação interna da editora, como contratos de edição, contratos de tradução ou de direção de coleções, fichas de "movimento de edição", catálogos e propagandas, que permitem a reconstituição da história de cada livro dentro da coleção, seus sucessos e fracassos, assim como os deslocamentos que as coleções sofrem pelos constrangimentos do mercado ou de outros lugares de poder concorrentes. Utilizo também a vasta correspondência da Editora, que permite flagrar os processos de produção da fábrica de livros no "calor" da hora. O trabalho com a correspondência desses atores permite reconstruir os laços que vão se formando entre as personagens e as representações compartilhadas por aqueles que constituem, pelas cartas, um diálogo sobre seus próprios movimentos perante os acontecimentos. Mas, também permite flagrar os conflitos instaurados nas disputas pela geografia cultural produzida no coração da fábrica de livros.

Além desses materiais, são passíveis de serem usados artigos de jornais e revistas, com o intuito de apreender o debate sobre as coleções e sua recepção, sobretudo a que se colocava criticamente em relação aos modelos de leitura e formação propostos nas diferentes coleções analisadas.

1. A arquitetura da Coleção Cultura Sociedade Educação (CCSE)

A *Coleção Cultura, Sociedade e Educação (CCSE)*¹⁷ é lançada oficialmente em 1968 e desaparece junto com seu editor em 1971, com o lançamento de um último volume em 1972.

Tomar essa coleção como objeto permite verificar as distâncias entre as representações de editores e a adesão do público leitor às suas proposições, na medida em que o programa proposto por Teixeira na CCSE mostrou-se um fracasso de público, atestado, seja pela correspondência interna da editora, seja pelo fato de que essa coleção foi imediatamente dissolvida com a morte do editor, e seus volumes foram ou redistribuídos para as coleções *Atualidades Pedagógicas* e *Biblioteca Universitária*, ou desapareceram do catálogo da Editora.

¹⁶ A noção de autoria tomada pela investigação é a da "função-autor" proposta por Foucault. Ver Michel Foucault. *O que é um autor*. Lisboa: Vegas/Passagens, 1992.

¹⁷ O logotipo da Coleção Cultura, Sociedade e Educação utilizava-se de sua sigla, por isso passo a designá-la por "CCSE".

Para a análise dessa coleção e do processo de sua montagem e desmontagem é importante lembrar que dentro da CEN, Anísio Teixeira assumiu diversas funções, durante os 42 anos de relação que com ela estabeleceu: foi autor, tradutor, consultor e editor. Nos catálogos da Nacional, o nome de Teixeira aparece nessas diferentes funções. Essa antiga relação entre Octalles Marcondes Ferreira, dono da Nacional, e Teixeira, permitiram que esse intelectual fosse contratado pela editora em 1966 para ser um editor de seu staff e, como tal, abrigasse mais uma coleção assinada por Anísio Teixeira – a CCSE¹⁸, cujo desenho era bastante ousado – além da já existente *Biblioteca do Espírito Moderno*, editada por ele mesmo desde 1939.

Naquele ano de 1966, a situação de Anísio Teixeira era bastante complicada no Brasil. Entre 1951 e 1964, o intelectual atuara junto ao governo federal de modo intenso: foi chamado logo em 1951 para coordenar a Comissão de Aperfeiçoamento do Pessoal do Ensino Superior (CAPES), fundada em junho daquele ano e logo transformada em órgão para desenvolver a pós-graduação no país; em 1952, foi convidado para ocupar o cargo de diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (Inep), permanecendo nos dois lugares até o golpe de 1964, quando, em 27 de abril, foi aposentado compulsoriamente¹⁹. Ainda em 1962, durante o governo João Goulart, foi convidado para ser conselheiro no Conselho Federal de Educação, permanecendo até o fim de seu mandato, em 1968, sem renovação. Com a aposentadoria e uma autorização especial do Presidente Castello Branco, parte para os Estados Unidos para lecionar como professor convidado nas universidades de Columbia, New York e Califórnia, retornando ao Brasil em meados de 1966, sendo imediatamente contratado pela CEN.

É nesse momento que se pode acompanhar o cotidiano da editora, de Anísio Teixeira e da CCSE por meio da correspondência trocada entre os editores do staff da Nacional e o intelectual. Nesse caso, apesar de muitíssimo intensa – praticamente quatro cartas por semana – a correspondência é ainda lacunar. Parte dos documentos estão guardados no CPDOC/FGV, no Arquivo Pessoal de Anísio Teixeira e on-line; parte permanece nos arquivos da Nacional e esperamos que com sua organização seja possível remontá-la completamente.

Os missivistas são:

- Octalles Marcondes Ferreira –sempre referido pelos editores como Big Boss;
- Thomaz Aquino de Queiroz – principal editor do Departamento Editorial e de Produção, cujas funções eram as de tratar acordos comerciais de apoio financeiro com embaixadas, fundações e outras agências de captação de verbas para a publicação, assim como de manuscritos a serem editados; também negociava os contratos de tradução, autoria e reedições, selecionava tradutores, revisores entre outros serviços, fazendo, assim, a “cozinha” da edição da CEN;
- Luiz Roberto Malta, cuja a função era de cuidar do financeiro da editora, fechando os negócios perscrutados por Thomaz Aquino Queiróz e por outros editores;
- Além, de Anísio Teixeira.

Outra personagem presente, com frequência, na correspondência é o Jairo – editor da filial carioca – responsável pelos negócios da Nacional no Rio de Janeiro e contato direto de Teixeira com a matriz paulista.

¹⁸ No período em que Anísio Teixeira encontrava-se exilado no sertão da Bahia, mais precisamente em 1936, inicia negociação com a Nacional para lançar uma nova coleção que se chamaria *Técnica e Cultura* (carta de Afrânio Peixoto a Anísio Teixeira, 23/01/1936; AT.36.00.00/CPDOC). Provavelmente essa coleção é a *Biblioteca do Espírito Moderno*, que no Catálogo Geral da Nacional n. 14 (1939) é assinada por Anísio Teixeira. A *Biblioteca do Espírito Moderno* tem grande longevidade e, já nos anos 1940, deixa de ser dirigida por Anísio Teixeira e volta a sê-lo a partir dos anos 1950.

¹⁹ Cf. Clarice Nunes. “Anísio Teixeira entre nós: a defesa da educação como direito de todos”. *Educação & Sociedade*. 21, 73. (2000).

As formas de tratamento entre os missivistas indicam claramente a hierarquia e autoridade entre o staff: enquanto Octalles Marcondes Ferreira e Anísio Teixeira sempre se tratam pelo primeiro nome e encerram suas cartas de modo afetuosamente com um “seu” ou “sempre seu”; Anísio Teixeira é tratado por Thomaz Aquino Queiróz e Luiz Malta por “Prezado Prof.” ou “Prezado Dr.”, indicando reconhecimento e identidade com as opiniões e posições do intelectual.

Como ressalta Chartier sobre o uso desse tipo de fonte:

Numa história cultural redefinida como o lugar no qual se articulam práticas e representações, o gesto epistolar é um gesto privilegiado. Livre e codificada, íntima e pública, mantendo a tensão entre segredo e sociabilidade, a carta melhor do que qualquer outra expressão, associa o lugar social e a subjetividade. Cada grupo vive e formula, à sua maneira, o problemático equilíbrio entre o eu íntimo e os outros. Reconhecer essas diversas formas de manejar a atitude de se corresponder é sem dúvida melhor compreender o que faz com que uma comunidade exista, cimentada pela partilha dos mesmos usos, das mesmas normas, dos mesmos sonhos.”²⁰

Retomando a análise da correspondência, é possível verificar a rearticulação da posição do intelectual dentro da Nacional. Em carta datada de 9/09/1966, Octalles Marcondes Ferreira comenta: Anísio,

Recebi suas cartas de 4 e 6 do corrente. E, cada vez mais, me convenço do acerto de nossa ideia de colocá-lo dentro da Editora, pois você é a pessoa indicada para exercer o papel que eu precisava, para dar um sentido elevado ao programa editorial da Companhia. Creio que se o Brasil não parar, se tivermos recursos (até onde nos levará a inflação?) e saúde, juntos, ainda poderemos fazer muito pelo desenvolvimento cultural do Brasil.²¹

Anísio Teixeira passa a ter as funções de garimpar títulos e autores para serem incluídos no catálogo da Nacional; dar pareceres sobre títulos e autores escolhidos pelos editores da casa ou oferecidos por outras vias – indicados por instituições, editoras, agentes literários ou outras instituições, como universidades ou fundações; dar opinião sobre reedições, propostas de coleções, qualidade de traduções e ainda, mediar negociações entre a Nacional e outras importantes instituições culturais (como o INEP ou a Embaixada dos EUA), na liberação de direitos autorais/direitos de tradução, apoio a projetos editoriais, credenciando a editora com seu renome e sua posição reconhecida nacionalmente e internacionalmente.

O nascimento da *Coleção Cultura, Sociedade e Educação* vem no bojo dos trabalhos realizados por Teixeira junto à editora. Seu desenho começa já no ano de 1966, momento em que há a expectativa de renovação do catálogo em duas importantes regiões desenhadas pelas coleções existentes desde da década de 1930: *Brasiliense e Atualidades Pedagógicas*. Nessa direção, Aquino Queiróz escreve a Teixeira:

20 Cf. Roger Chartier (dir.). *La correspondance: les usages de la lettre au XIX^e siècle*. Paris: Fayard, 1991, p. 9.

21 Carta de Octalles Marcondes Ferreira a Anísio Teixeira, 9/09/1966, AT 1966.05.19, CPDOC/FGV.

Caso vingue a BRASILIANA MODERNA, pergunto se aquele livro O país dos coitadinhos que temos que fazer uma nova edição, não poderia ser incluído na mesma? Peço ler o livro e dar sua opinião. Não faço nenhuma questão em ler o livro, mas faço uma sugestão²².

Para a nova coleção ser denominada de *Brasiliana Contemporânea*, explica o próprio Octalles a Anísio, deveria haver uma negociação com Dr. Jacobina Lacombe, diretor da antiga *Brasiliana*, desde o final dos anos 1940, evitando-se conflito entre o dono do antigo território e o novo a ser constituído. A *Brasiliana Contemporânea*, sob direção de Teixeira, deveria publicar títulos produzidos após 1900, como explica Aquino Queiróz, em carta de 27/10/1966 a Teixeira²³, distinguindo-se, assim, da antiga coleção.

O staff projetava para Teixeira outra partilha de território alheio, o ocupado por João Batista Damasco Penna, editor da *Atualidades Pedagógicas* desde 1946. Nessa mesma correspondência aparece o projeto da coleção "Biblioteca de Educação, Ciência e Cultura" (BECC). Em carta, Teixeira explica a Queiróz as expectativas do desenho de sua nova coleção de educação:

Estou satisfeito tenha a CEN obtido a opção para The Schools de Martin Mayers. Este será um dos novos livros para a leitura de todos e não apenas dos pedagogos. Deverá aparecer na coleção sugerida de educação, ciência e cultura ou outro nome que venha a ter.

Como se vê, Teixeira se opunha as leituras especializadas do público de pedagogos. Para ele, a educação deveria ser assunto de todos os interessados e não deveria estar territorializada pela Pedagogia, deslocando, assim, de determinados territórios editoriais leituras e autores. Ainda na mesma carta volta a carga ao assinalar a importância da reedição de um de seus autores prediletos – Jonh Dewey – editado na coleção para mestres e pedagogos, *Atualidades Pedagógicas*, desde 1933:

A minha reserva sobre *Atualidades Pedagógicas* é que certos livros não são atualidades nem pedagógicas. São livros de cultura geral, de filosofia, de ciências sociais. Tome, por exemplo, *Democracy and Education* de J. Dewey. O endereço deste livro é muito mais amplo do que os dos mestres pedagogos. É uma filosofia da democracia. Lembre-se que Dewey explicitamente afirma que a filosofia é uma teoria de educação. O livro deve ser reeditado sem menor dúvida(...) [mas] que saia numa edição para o grande público, ou, pelo menos, todo o público intelectual e não apenas, repito, o dos pedagogos e professores (infelizmente com o pedagógico apenas os primários). Converse, pois, com Penna²⁴.

Enquanto Teixeira desenhava suas novas coleções, engajava-se na produção de alguns títulos que, para ele, pareciam primordiais. Entre eles estavam os dois de Raymond Williams – *Culture and Society* e *Long Revolution* – e os dois títulos que tratavam de democracia nas Américas – *América Latina* de

22 Carta de Thomáz Aquino de Queiróz para Anísio Teixeira, 24/08/1966, AT 1966.05.19, CPDOC/FGV

23 Depois de várias propostas de dinâmicas de produção dessa coleção, ela não sai do papel.

24 Carta de Anísio Teixeira a Thomáz Aquino de Queiróz, 2/12/1966; AT 66.05.19/CPDOC - FGV

Jacques Lambert e Democracia na América de Alexis Tocqueville, além de um título de Conant – Dois modos de Pensar – que começam a ser negociados e produzidos já em 1966 e início de 1967. Em fevereiro de 1967, Queiróz dá notícias de outros três autores indicados por Teixeira: Bruner, Winch e Kimball & McClellan.

Esse trabalho de escolha e preparação dos textos, permitiu a Teixeira recuar da invasão dos territórios das coleções já existentes, propondo uma terceira que instituía para si mesmo um território diferenciado: nasce, em 1968, a CCSE – cujo nome remetia explicitamente ao seu primeiro volume: Cultura e Sociedade, de Raymond Williams. A CCSE estava voltada principalmente para um público de educadores, mas pretendia alcançar um *público mais amplo*, sobretudo, aquele constituído pelos leitores vinculados à universidade (estudantes e professores). Esse empreendimento editorial se realizava no calor do debate em torno da reforma universitária, na *ressaca* da votação da Lei de Diretrizes e Bases (4.024) de 1961; e nas tensões sociais instaladas pelo regime militar que apontavam para mudanças na política educacional, consubstanciada posteriormente na lei 5.692/71, na política econômica e com a repressão e censura de conteúdos culturais e políticos.

A Coleção de Teixeira, pela análise parcial da documentação, se constituiu como modelo alternativo às coleções voltadas para o público dos pedagogos, como a *Atualidades Pedagógicas*, e a do público mais amplo – *ou médio* – constituído pela *Biblioteca Espírito Moderno (BEM)*, dirigida por ele mesmo e por Monteiro Lobato até sua saída da CEN.

O modelo de leitura e formação da CCSE, de um lado, retomava a concepção de coleção que havia regido as propostas editoriais dos escolanovistas nos anos 1920 e 1930: oferta direta dos textos originais em traduções, entendidos como bases para a formação do leitor e comentários de especialistas brasileiros, proporcionando ao público leitor a possibilidade de apropriação dessas bases²⁵; de outro, não propunha uma coleção estritamente pedagógica, mas, a articulação de temáticas da cultura com as da educação, como programada na *BEM*. Mas, diferentemente da *BEM*, os textos selecionados estavam longe de serem de “vulgarização científica”, voltados para um “leitor médio”²⁶. O repertório dos docentes deveria ser composto não apenas por temas afeitos ao campo da educação. Educação, nesse sentido, era parte da cultura e nela deveria ser lida, assim como a educação deveria ser lida pelos que se interessassem pela cultura. O próprio nome da coleção já apontava nessa direção, destacando “cultura” e “educação” na sua evidente triangulação com a “sociedade” e tomava, como já indicado, o modo peculiar com o qual Williams atribuíu significado para essa triangulação no último capítulo de sua obra Cultura e Sociedade.

Em carta, Teixeira comenta sua visão do que Williams teria realizado em Cultura e Sociedade: “O interesse de Williams é que escapa ao linguajar das Ciências Sociais. Analisa pensamento, sentimento, forma de julgar, de apreciar, de gostar etc. de todo esse tumultuoso século 20 até os nossos dias...”²⁷. E ainda, ao criticar a posição dos tradutores sobre a obra, comenta: “‘As obscuridades’ [encontradas pelos tradutores] são, como as de Bergson, consequentes ao esforço de buscar caracterizar mudanças na forma de pensar e sentir e não apenas em aspectos do meio e da sociedade”²⁸.

Para análise da CCSE propriamente dita, é necessário trabalhar com a documentação interna da

25 Cf. Maria Rita de A. Toledo. *Coleções autorais, tradução e circulação. op. cit.*, 2013.

26 Cf. Sílvia Asam da Fonseca. *A coleção Bibliotheca do Espírito Moderno: um projeto para alimentar espíritos da Companhia Editora Nacional (1938-1977)*. (Tese de doutorado) São Paulo: EHP/SP, 2010.

27 Carta de Teixeira a Queiróz, 8/11/1966, AT 1966.05.19, CPDOC/FGV.

28 *Idem*.

editora – contratos de cessão de direitos de tradução, as fichas de edição e os livros editados. A linha editorial proposta, o território de leitura por ela desenhado, materializa-se justamente em cada volume editado, assim como nos limites de sua aceitação, nos volumes não editados ou ainda nos transferidos a outras coleções.

Por meio das fichas de *Movimento de Edição* é possível se compreender a economia interna de cada coleção²⁹. Essas fichas registravam os títulos, autores, número dos volumes, os fluxos de lançamento, de reedição e davam a ver os fluxos de tiragem dos exemplares em cada uma das edições.

Movimento de Edições						
Obra <u>EDUCAÇÃO NÃO É PRIVILÉGIO</u>						
Autor <u>Anísio Teixeira</u>						
Série <u>Cultura, Sociedade, Educação</u> Volume N.º <u>10</u>						
Data	Edição	N. Ordem	N. Ano	Tiragem	TIPOGRAFIA	Preço Tipografia
12/2/68	2ª	9163	29	5.035	S. Paulo Editora	0,97
6/1/72	3ª	9890	4	3.000	Idem	2,70
28.01.77	4ª	11308	018		Revist. Tribunais	

Figura 1: Ficha de Movimento de Edição do volume 10, da *Coleção Cultura Sociedade e Educação* (1968)

Demarcam também as diferenças entre os desenhos projetados para as coleções e os de fato concretizados. Por exemplo, tomando-se a lista dos títulos programadas para a publicação da CCSE – 20 títulos ao todo – nota-se que apenas 18 foram efetivamente publicados³⁰.

No projeto inicial, Teixeira escolheu 13 títulos diretamente voltados para a discussão de aspectos do campo da educação/pedagógico; outros sete, pelo catálogo da própria editora, pertenciam às áreas da política (2); sociologia (4) e ciências sociais (1).

O conjunto sobre educação compunha-se de (7) obras de brasileiros: sendo que cinco são de autoria do próprio Anísio Teixeira; e outras duas de Hélio Pontes e Terezinha Éboli. Das traduções, seis ao todo, são escolhidos J. Dewey, J. Bruner, Alfred N. Whitehead, John Pfeiffer, James Bryant Conant e W. Kenneth Richmond. Como se vê, as obras do próprio editor davam o enquadre para as análises educacionais; intercaladas às traduções de textos norte-americanos e ingleses.

²⁹ Cf. Maria Rita de A Toledo. *Coleções autorais, tradução e circulação*. op. cit.

³⁰ Dos 20 títulos propostos, 18 foram publicados na CCSE; um não chegou a ser editado e outro foi transferido, já na 1ª edição, para a *Atualidades Pedagógicas*. Para a visão geral dos títulos propostos, consultar anexo 1

Já o conjunto sobre ciências sociais – incluindo seus subcampos – compunham-se, exclusivamente, de autores estrangeiros, vertidos para o português. Os autores programados eram: J Dewey (1), Raymond Williams (2), Jacques Lambert (1), Peter Winch (1), Alexis de Tocqueville (1), Marshall McLuhan (1). Com exceção da obra de J. Lambert, todos os outros títulos foram vertidos do inglês para o português especialmente para essa coleção. Teixeira escolheu preferencialmente títulos anglo-saxões para oferecer ao leitor brasileiro e neles as ênfases na análise das mudanças culturais no mundo capitalista e nas mudanças educacionais especificamente. Parte dos títulos e autores escolhidos por Teixeira eram completa novidade no mercado editorial e intelectual do Brasil. Se Dewey, Lambert e Tocqueville já frequentavam as bibliotecas brasileiras, McLuhan, Williams e Winch eram novidades, considerados textos polêmicos que, em suas respectivas áreas, traziam novos problemas para pensar a cultura.

Pelas fichas de *Movimento de Edição* é possível notar que a expectativa de vendas não era baixa, dado que os volumes foram produzidos com tiragens entre 3000 e 5000 exemplares. Contudo, no curto período de existência da coleção, apenas duas obras foram reeditadas, todas elas de Anísio Teixeira, indicando a baixa aceitação do público leitor.

Uma outra característica da CCSE é a do cuidado com as traduções. Anísio Teixeira revisou todas elas, assim como os próprios textos, fazendo jus a seu lugar de editor. Na correspondência que mantém com a Nacional, é possível verificar que essa coleção procurava materializar o programa de traduções que o intelectual idealizava. Um programa que viesse atender a “urgência” de análises e pensamentos sobre a “crise atual”.³¹ Mas ainda, Teixeira parece cada vez mais preocupado com a qualidade das traduções, tanto as da Companhia Editora Nacional, mas, sobretudo as editadas na CCSE. Daí todo o cuidado do deste editor em trabalhar as traduções, oferecendo ao leitor material de alto nível. Em carta ao Staff, Teixeira apresenta as dificuldades do que considera o ato de traduzir:

Meus Caros Thomaz e Malta:

Estou a devolver, com demora maior do que esperava, as provas de Experiência e Educação, de Dewey. Dou extrema importância a este livrinho, porque o considero uma grande mensagem final do grande Dewey. Vejo que Octalles não reconhece isso e daí sua decisão de 3000 exemplares para a edição.

A revisão, fi-la com severidade: valeu-me para mostrar que sou tão pobre tradutor quanto aqueles que tenho procurado rever. Não me desconcerta isto, porque considero traduzir, sob certos aspectos, mais difícil do que escrever...Tenham, pois, paciência com minha revisão e a melhorem em tudo que puderam. Estou longe de considerá-la verdadeiramente boa, é apenas conscienciosa e, talvez, passável³².

Ainda, nota-se que não há entre os títulos escolhidos manuais ou compêndios sobre disciplinas ou qualquer campo do conhecimento da educação, das ciências sociais, da política ou da sociologia. Como ocorria com a série 2 – *Ciências Sociais* – da *Biblioteca Universitária*, dirigida por Florestan Fernandes, ou a já citada *Atualidades Pedagógicas*. Se havia partilha do público destinatário entre essas coleções, certamente as expectativas de competência e de práticas de leitura instauradas na CCSE eram

31 Carta de A. Teixeira a O. M. Ferreira, 26/01/1970. Acervo da CEN.

32 Carta de Teixeira a Malta e Queiroz, 23/11/1970, Dossiê Anísio Teixeira, Acervo da CEN – grifos do Autor.

muito maiores do que nas outras coleções. A preocupação de Teixeira parece ser a de oferecer análises completas dos temas e assuntos escolhidos; assim como parece se preocupar em oferecer visão de conjunto da educação, articulando-a às chamadas ciências sociais. Longe de uma análise apolítica da educação, Teixeira programou autores e obras que lhe vinham subsidiando a compreensão do que entendia ser a "crise atual", incluindo àquela especificamente da educação. A ideia de "crise" como critério de seleção de obras e textos aparece na correspondência do staff, mas, como se verá, na forma como o diretor da coleção justifica suas escolhas nos próprios livros publicados.

De todo o modo, o diretor da Coleção inseriu seus próprios títulos como chamariz, lançando em seu primeiro ano de existência – 1968 – os volumes 5, 8 e 10. Eram títulos já publicados em outras situações e de sucesso, revistos e ampliados: Pequena Introdução à Filosofia da Educação – novo nome dado ao Educação Progressiva (1933), tão polêmico nos anos 1930; Educação é um Direito e Educação não é privilégio, formados por textos que polemizaram o debate da LDB, nas décadas 1950 e 1960; além da novidade, Dois modos de Pensar, volume 16, de Conant.

Ao todo, na CCSE, no ano 1968, foram lançados 15.000 exemplares de autoria de Anísio Teixeira, como documenta as fichas de *Movimento de Edição* em quatro títulos. No segundo ano, saem a público Cultura e Sociedade (4000 exemplares), volume 1, América Latina (3000), volume 2, Os fins da Educação e outros ensaios, volume 7 (4000), Educação para o desenvolvimento, volume 14 (3000), Uma escola diferente, volume 17 (4000) e Democracia na América, volume 18 (3800). Seis títulos ao todo, demonstrando a força que a coleção ganhava em termos de novidades. No ano 1970, a expectativa em relação às vendas da coleção cai e as tiragens passam a ser de 3000 exemplares, mesmo para o título de Anísio Teixeira – Educação no Brasil³³.

Como pode-se notar, o processo de edição da CCSE não acompanhava a ordem dos volumes, como era tradição nas outras coleções da CEN. Parece que a urgência em editar o que estava pronto era premente, tanto do ponto de vista econômico – com a grave crise econômica que o país enfrentava e a Editora também – quanto do ponto de vista do diretor da coleção que, sob censura, falava por meio dela.

Diferentemente de outras coleções, a CCSE não era apresentada diretamente ao leitor. Não consta nos volumes qualquer paratexto que destacasse quais seriam os critérios de seleção dos títulos ou os objetivos para os quais o programa de leitura proposto se voltaria. O editor, nesse sentido, parece optar pelo silêncio em relação às suas escolhas. As orelhas ou prefácios também não faziam alusão ao conjunto direto da coleção.

33 Em 1971, foram publicados: *Experiência e Educação*, n. 4 (3000), *A ideia de uma ciência social*, n. 9 (3000) e *Liberalismo, Liberdade e Cultura*, n. 11. Em 1971, sai *Uma visão nova de educação* (4000). Em 1972, *A Galáxia de Gutenberg*, com 3000 exemplares, encerrando a Coleção.

A GRANDE TRADIÇÃO DO NOSSO TEMPO

Talvez não haja livro que melhor do que este prepare o jovem de hoje para compreender o seu tempo: uma iniciação à grande e humana tradição que nos legaram os escritores ingleses dos fins do século 18 e os do século 19, o mais sério, minucioso, lúcido e penetrante balanço jamais feito do extraordinário esforço intelectual e sentimental realizado pelos pensadores e artistas ingleses para compreender e interpretar a grande revolução de nossa era: o industrialismo e a democracia.

Pela primeira vez, já no período histórico, pôde o homem assistir conscientemente a uma das grandes mutações da humanidade: a passagem da era agrícola para a industrial. Depois de catorze séculos de cristianismo e reabsorção da cultura antiga, o homem medieval unificou sua cultura e preparou o início do período moderno: o renascimento foi o deslumbramento desse reencontro com o saber e marcou o início do domínio do conhecimento. Mas, embora senhor dessa nova autonomia, o homem ainda passou três séculos numa intensa fermentação religiosa e intelectual antes de presenciar o surgimento, no século 18, de uma nova era em que se voltou para a Natureza e julgou descobrir as suas próprias leis e as da sociedade.

Originou-se o industrialismo da emancipação intelectual, da descoberta do método progressivo de conhecer e saber, e da transformação do trabalho, trazendo consigo uma mudança social radical e profunda e exigindo imenso esforço intelectual para que o homem recuperasse o controle social e se reencontrasse. O atual conceito de "cultura" (modo inteiro de viver, pelo qual nos identificamos com as condições da existência humana em mudança permanente) nasceu desse grandioso labor intelectual e moral. O que foi esse esforço na Grã-Bretanha, onde se iniciaram a democracia e a industrialização, é o que nos conta RAYMOND WILLIAMS, acompanhando com humildade, respeito e simpatia o pensamento social dos quarenta mais importan-

(continua na outra dobra)

Figura 2: Orelha do volume 1 da Coleção Cultura, Sociedade e Educação (Cultura e Sociedade -1969)

Do mesmo modo as capas não eram padronizadas, não espelham o conjunto do programa proposto.



Figura 3: Capas dos volumes 1, 9 e 10 da Coleção Cultura, Sociedade e Educação (1969; 1970; 1971)

As lombadas traziam, com sutileza, os símbolos da coleção, sob o nome do autor e o título do volume.



Figura 4: Lombadas dos volumes 1, 2, 9 e 10 da Coleção Cultura, Sociedade e Educação (1969, 1970, 1970, 1971)

Além da lombada, o que unificava a coleção era o nome da mesma e seu logotipo, impresso na quarta página, ao lado da página de rosto, seguido do destaque ao nome do diretor da coleção Anísio Teixeira.

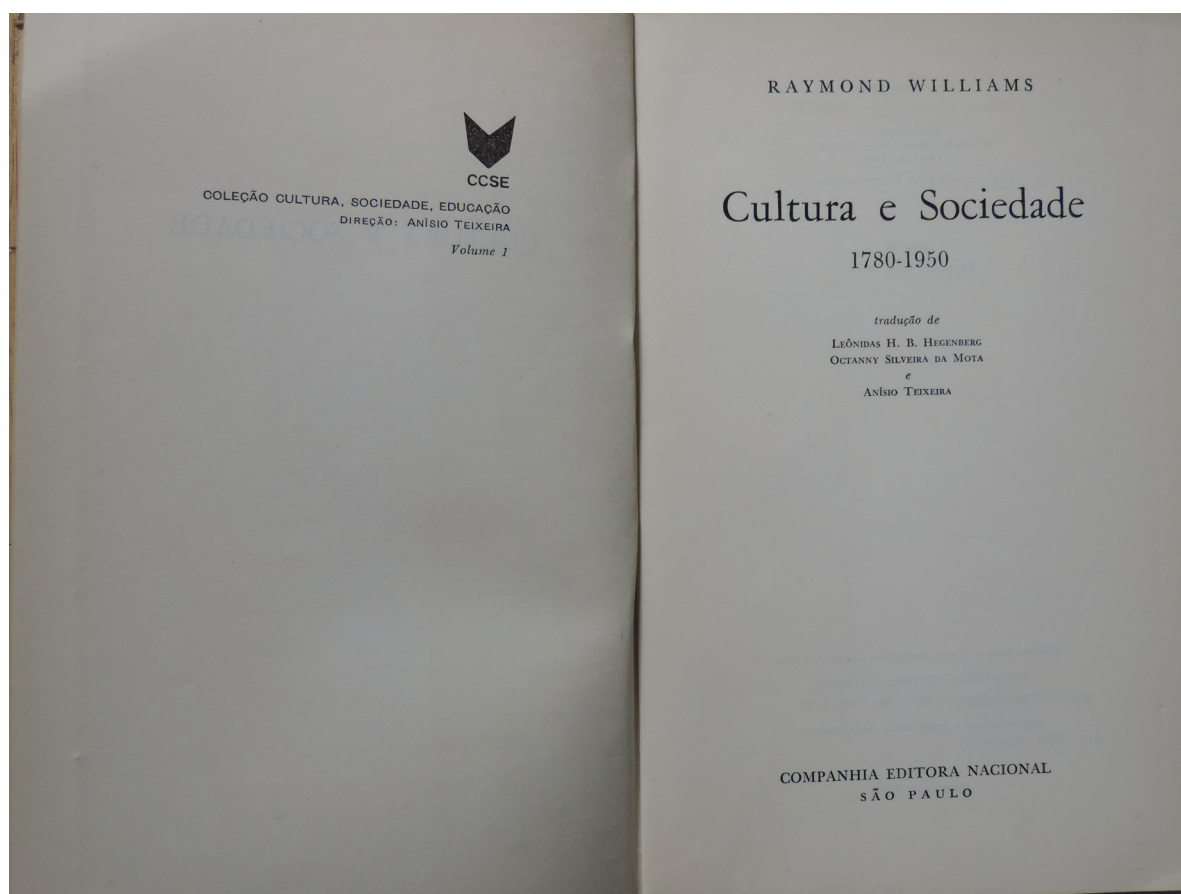


Figura 5: página 5 e página de rosto do volume 1 da Coleção Cultura, Sociedade e Educação (1969).

No entanto, o diretor foi responsável pelas orelhas e pelas “notas” ou “prefácios”, nos quais procura justificar a publicação de cada um dos volumes, mesmo quando se tratava de seus próprios títulos. Esses paratextos permitem vislumbrar o que Teixeira depositava no programa de leitura da CCSE. A representação do que seria a “crise atual” e as análises que a identificariam e a dirimiriam ao leitor e ao próprio editor parecem ser o principal crivo das escolhas de Teixeira, pelo menos para as traduções programadas na CCSE. Neste sentido, a Coleção parece voltada para fazer uma radiografia do presente e de suas raízes culturais.

Na orelha do primeiro volume editado – *Cultura e Sociedade*, de Raymond Williams – o editor abre o texto pontuando:

Talvez não haja livro que melhor do que este prepare o jovem de hoje para compreender o seu tempo: uma iniciação à grande e humana tradição que nos legaram os escritores ingleses dos fins do século 18 e os do século 19, o mais sério minucioso,

lúcido e penetrante balanço jamais feito do extraordinário esforço intelectual e sentimental realizado pelos pensadores e artistas ingleses para compreender e interpretar a grande revolução de nossa era: o industrialismo e a democracia.³⁴

O movimento de apresentação do texto indica o público para o qual estava destinada a publicação – o *jovem* – e da função que deve cumprir – a de iniciar esse público *na humana tradição legada pelos escritores ingleses dos séculos 18 e 19* – para que munido desse legado possa, junto com Raymond Williams, *compreender e interpretar a nossa era*.

Ainda na mesma orelha, Anísio Teixeira justifica o percurso realizado pelo autor – análise do pensamento social de 40 autores ingleses entre 1780 e 1950 – para descrever o impasse da *crise cultural* daquele tempo presente, dirimida em Sociedade e Cultura, estabelecendo os polos opostos que estariam a criar tal situação:

O livro nos traz até 1950, quando entramos nas décadas mais recentes, tão novas e desconcertantes, com o existencialismo e tudo que lhe vem sucedendo, em que nos sentimos divididos entre o movimento da mocidade, cheio de promessa e mistério, e uma espécie de novo-vitorianismo dos conservadores, cheios de duvidoso sentimento de onipotência e muitas vezes vazios de imaginação. Seu símile histórico talvez possa ser o declínio romano e a fermentação evangélica e cristã³⁵.

O texto de Williams poderia, de um lado, operar como instrumento de formação do repertório cultural da juventude, com o fim de estabelecer as balizas analíticas do tempo presente; mas, por outro, essas balizas permitiriam a distinção dos grupos políticos atuantes naquele tempo porque, analiticamente, deslindariam a origem de suas proposições discursivas. A função de instrumento analítico da crise, atribuída ao texto, é reforçada pelo último parágrafo da orelha da quarta capa:

Para compreender e explicar a perplexidade e o mistério do nosso tempo, julgamos ser indispensável a leitura desta paciente, difícil, penetrante e, sobretudo, otimista descrição e análise de Raymond Williams.³⁶

Nota-se que o texto de Teixeira omite as origens teóricas de Williams e evita descrever, seja seu percurso formativo, seja os autores com os quais ele estabelece os marcos de sua análise. Esse silêncio está implicado nas próprias condições de fala de Teixeira, mas também nas condições de difusão da obra editada sob as regras da censura e do controle por parte do regime militar. Não é necessário lembrar que toda e qualquer referência a Marx ou ao marxismo despertavam a ação direta dos censores e colocavam a empreitada financeira, materializada na obra, em risco.³⁷

Em todo o caso, o texto de Teixeira expressa a urgência de se debater a "crise". Essa ideia de "crise"

34 Orelha da 1ª capa do volume 1 da CCSE, Cf. Raymond Williams. *Cultura e Sociedade*. Tradução: Leonidas H. B. Hegenberg, Octanny Silveira da Mota; Anísio Teixeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1969.

35 Orelha da 4ª capa do volume 1 da CCSE, Cf. Williams, *ibidem*.

36 *Idem*.

37 Sobre o papel central da autocensura da indústria cultural durante o regime militar consultar Renato Ortiz. *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*. São Paulo: Brasiliense. 1994.

atravessa a coleção e compõe um dos critérios de seleção de textos e autores. A escolha de "crise", provavelmente, está demarcada pela própria situação que Teixeira vinha sofrendo desde o golpe militar. Daí é possível inferir que a Coleção pode ter servido a seu editor como forma de fazer circular suas representações sobre educação, cultura e democracia, usando discursos alheios. Em carta a Thomas Aquino Teixeira comenta

1) estou a lhe mandar a nota introdutória que confesso não saber se convém a "Liberalismo, Liberdade e Cultura". Trata-se de artigo escrito para as Fôlhas por ocasião da tradução. Escrever mesmo uma nota introdutória envolveria inevitavelmente referência à situação local e não desejo fazê-lo por faltar-me liberdade para isto. Acredito, contudo, que bastará a referência implícita e o silêncio dos editores. Você leia a nota e diga-me com franqueza se a julga útil ou conveniente. Acho que certos livros são mensagens que precisam ser publicadas, não tanto para atender o presente, mas para servir ao futuro.³⁸

Mas, a dimensão da crise parece também ultrapassar as questões locais e exigiriam análises amplas das mudanças que o Século 20 atravessava. A ideia, então, é a de que o programa de leitura poderia instrumentalizar o leitor para a compreensão de seu tempo presente, em toda a sua complexidade. Essa ideia é reforçada pela "Apresentação" que Teixeira faz da Galáxia de Gutenberg, de Marshall McLuhan, volume 3, da CCSE:

Para a nova era dessa civilização que está indiscutivelmente a anunciar-se, ler e procurar penetrar o difícil, novo e original pensamento de McLuhan não é apenas raro e alto prazer, mas dever e necessidade de cada um de nós que sofremos as perplexidades e incertezas da imensa transição.³⁹

As escolhas, longe de optarem por uma didatização das explicações da "crise" e daquele "tempo" presente, incidem sobre textos *difíceis, originais* que procuram penetrar nos *mistérios* daquele tempo de *perplexidades e incertezas*, eram, segundo o próprio editor, de difícil apreensão e cobravam do leitor esforço de entendimento.

A representação de que o tempo pedia análises profundas e explicações que, de algum modo, permitissem caminhos de superação também aparecem nas cartas trocadas entre Teixeira e Marcondes Ferreira. A ideia de que as análises deveriam ser *atuais* e *diferenciadas*, trazendo perspectivas *inovadoras* parecem prementes nos critérios de seleção de títulos para essa coleção. Sobre a possibilidade de um negócio de edição para a CAPES, fechado em termos de compra, Anísio Teixeira considera com Marcondes Ferreira:

Meu caro Octales: este livro que lhe envio para seu exame e o de Thomaz é livro perfeitamente atual, escrito pelo Philip H. Coombs, diretor de planejamento

38 Carta de Anísio Teixeira a Thomas Aquino (20/01/1970). Acervo CEN.

39 Teixeira In: Marshall McLuhan, *Galáxia de Gutenberg*. Tradução: Leônidas G. De Carvalho e Anísio Teixeira São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1972, p.13.

educacional da UNESCO (...).

Pessoalmente não recomendei o livro, por haver reputado sua análise tanto acima do meio brasileiro para aplicação imediata. Agora a Capes está querendo editá-lo, podendo isto fazer por meio de qualquer editora, adquirindo no mínimo 1000 exemplares. O atual diretor da CAPES – Celso Barroso Leite – procurou-me para saber se a Companhia queria aceitar esse patrocínio, encarregando-me de adquirir os direitos de tradução e editar o livro. Não vejo inconveniente em que se inclua na Coleção Cultura, Sociedade e Educação, dada a atualidade do livro e a necessidade de se introduzir em nosso meio a abordagem dos Systems Analyses.⁴⁰

O modelo proposto por Teixeira diferenciava-se radicalmente de tudo que a Nacional havia publicado nos últimos anos, dirigindo-se a um leitor bastante sofisticado e afeito às novidades das análises dos tempos de crise que o editor identificava. Esse leitor parece estar inscrito nas potencialidades da nova “juventude” que despontava naqueles anos 1960, capaz de se opor ao “vitorianismo” que reaparecia nas práticas políticas e sendo ela mesma um dado da “crise” diagnosticada pelo educador. O programa de leitura instaurado na CCSE crivava, por um lado, a resistência à massificação da cultura e seu barateamento; por outro, veladamente, resistia à “onipresença do conservadorismo”, instalada no Brasil, por meio da censura e das práticas de controle de produção e circulação dos discursos e bens culturais.

A coleção era definida por Aquino Queiróz como “uma série de alto nível” e, além disso, “nova”⁴¹: alto nível pelos custos de cada volume e do cuidado com que eram editados e também pelo alto nível do público projetado como destinatário.

Contudo, a coleção não foi um sucesso como se esperava. Em janeiro de 1970, um ano depois de seu lançamento, os editores avaliam a aceitação do mercado em carta rascunhada por Aquino Queiroz a Teixeira⁴²:

Anísio:

Junto o quadro de vendas da coleção Cultura, Sociedade, Educação. Como vê, o quadro não é nada animador e, por isso mesmo, mais do que três ou quatro livros por ano, não será possível publicar. O insucesso maior é o livro Cultura e Sociedade. Pelo quadro, está como sendo vendido, até agora, 782 exs., o que também não é certo, pois nesse total teremos cerca de 100 exs. distribuídos como propaganda⁴³. Em vista disso, eu acho melhor a gente esperar um pouco mais para pensar na publicação do outro – A longa Revolução do mesmo autor de Cultura e Sociedade. Se durante este ano todo o livro continuar a não ter venda, é melhor não publicar a segunda parte. (...) Positivamente, como vê, o Brasil ainda não é um país para livros de tão alta categoria cultural como os que você tem selecionado para a sua coleção.

40 Carta de Teixeira a Marcondes Ferreira, 11/08/1970, Dossiê Anísio Teixeira, Acervo da CEN

41 Carta de Aquino Queiroz a Anísio Teixeira –12/10/1970– Acervo da Companhia Editora Nacional.

42 Não consegui rastrear se a carta foi efetivamente enviada ao Educador. Contudo, ela permite que se verifique o baixo impacto da CCSE no mercado editorial. Rascunho de Carta de Aquino Queiróz para Teixeira. 30-01-1970 – Acervo da Companhia Editora Nacional.

43 A tiragem de *Cultura e Sociedade* foi de 4000 exemplares.

Anísio Teixeira

C. C. S. E.

TÍTULO	Autor	Tiragem	Estoque atual	Vendidos
América Latina	Lamberg	3.000	1.334	1.666
Cultura e sociedade	Williams	4.000	3.218	782
Dois modos de pensar	Comant	3.000	1.763	1.237
Educação e o mundo moderno	Anísio	3.000	1.916	1.084
Educação é um direito	Anísio	5.000	2.258	2.742
Educação não é privilégio	Anísio	5.000	1.167	3.833
Educação para o desenvolvimento	Pontes	3.000	1.823	1.177
Os fins da educação	Whitehead	4.000	1.908	2.092
Pré-introdução à filosofia da ed.	Anísio	5.000	1.216	3.784
O processo da educação	Bruner	3.000	244	2.756
Uma escola diferente	Boli	4.000	719	3.281

29/10/1970
E-

Figura 6: Quadro de vendas dos volumes da Coleção Cultura, Sociedade e Educação (1968-1970)

As soluções encontradas pela Nacional para garantir a existência da coleção foram a coedição ou a produção com venda casada para o Estado⁴⁴. De todo o modo, o trabalho de formação depositado por Anísio Teixeira em sua nova coleção não chegou a atingir o público como esperado, instalando um hiato entre as posições do Editor e as práticas de leitura do público destinatário.

Voltado às reflexões de Chartier, é importante lembrar que há uma ambivalência fundamental na atividade editorial e no comércio de livros:

De um lado, somente eles podem assegurar a constituição de um mercado dos textos e dos julgamentos. São eles uma condição necessária para que se possa ser construída uma esfera pública literária [pode-se incluir aí os gêneros científicos] e um uso crítico da razão. Mas, de outro, em virtude de suas próprias leis, a edição submete a circulação das obras a coerções e a finalidades que não são idênticas àquelas que governam sua escrita⁴⁵.

44 Segundo a correspondência entre Aquino Queiroz e Anísio Teixeira, Octalles Marcondes Ferreira "titubeava" quanto a publicação dos títulos da CCSE e só os aceitava definitivamente, quando aprovada a co-edição. Esse foi o caso, por exemplo da *Galáxia de Gutenberg*. Cf. Carta de Aquino Queiroz a Anísio Teixeira – 16/01/1970 – Acervo da Companhia Editora Nacional. A Edusp, quando aprovava um título para a co-edição, adquiria um terço da tiragem da obra, pagando, com isso, a produção da edição. Para uma descrição mais ampla dessa política, consultar Plínio Matins Filho. *Edusp: de Co-Editora a Editora – Um projeto editorial*. (Dissertação de Mestrado) São Paulo: ECA – USP, 1987. A *Galáxia...* obteve aprovação da Comissão da Edusp, sendo editada logo em seguida.

45 Roger Chartier. *À Beira da Falésia. A História entre certezas e inquietude*. *op. cit.*, p.76

Anexo 1

Coleção Cultura, Sociedade e Educação:

Autor	Título	1ª edição
Raymond Willians	Cultura e sociedade	1969
Jacques Lambert	América Latina	1969
Anísio Teixeira	Educação no Brasil	1970
Jerome Bruner	O processo da Educação	1969
Anísio Teixeira	Pequena Introdução à filosofia da educação	1968
Raymond Willians	A longa revolução	Não foi editado
Alfred N. Whitehead	Os fins da educação	1970
Anísio Teixeira	Educação é um direito	1968
Peter Winch	A ideia de uma ciência social	1970
Anísio Teixeira	Educação não é privilégio	1968
Jonh Dewey	Liberalismo, liberdade e cultura	1970
Anísio Teixeira	Educação e o mundo moderno	1969
John Pfeiffer	Uma visão nova de educação	1971
Hélio Pontes	Educação para o desenvolvimento	1969
John Dewey	Experiência e Educação	1970
James Bryant Conant	Dois modos de pensar	1968
Terezinha Éboli	Uma escola diferente	1969
Alexis de Tocqueville	Democracia na América	1969
Marshall McLuhan	A galáxia de Gutenberg	1970
W. Kenneth Richmond	Revolução do Ensino	Editado na Atualidades Pedagógicas -1975